

---

## **Diálogo como metodologia para a comunicação e relações humanas, segundo o carisma do Movimento dos Focolares<sup>1</sup>**

Luís Henrique MARQUES<sup>2</sup>

Universidade Paulista, São Paulo, SP

### **Resumo**

Este trabalho consiste num estudo de revisão de literatura a respeito de como o conceito de diálogo é compreendido à luz do carisma do Movimento dos Focolares, movimento eclesial ligado à Igreja Católica, de caráter ecumênico e inter-religioso. Para tanto, essa revisão é feita a partir da interpretação de diferentes autores ligados a essa organização e que representam diferentes áreas do conhecimento (economia, sociologia, teologia, comunicação, entre outras) e de material de sua revista oficial no Brasil (*Cidade Nova*), essencialmente convergentes. Orientados por ideias-chaves do carisma da Unidade e pela experiência concreta, individual e coletiva de seus membros, o conceito de diálogo proposto pelos Focolares, ainda que em processo de construção, se apresenta como um recurso metodológico para a comunicação positiva, sobretudo nas relações interpessoais e no uso das redes sociais.

**Palavras-chave:** Diálogo, Focolares, Espiritualidade da Unidade, Comunicação interpessoal, Relações Humanas.

### **Introdução**

Em tempos de acirrada polarização de ideias e ideologias, em particular no que tange à discussão política e/ou moral, a bandeira em favor do diálogo como método de comunicação indispensável, tendo em vista favorecer relações harmoniosas e construtivas, tem sido levantada por pessoas e grupos (sobretudo, religiosos), especialmente no âmbito das redes sociais. Um desses grupos é o Movimento dos Focolares cujo carisma é a Unidade.

Embora se trate de uma ação congenitamente humana, a prática do diálogo implica concepções e exigências para as quais nem sempre as pessoas se mostram atentas e conscientes. O resultado frequente disso é o desencontro e conflito insolúvel de posições. O próprio uso intenso das redes sociais tem desfavorecido o desenvolvimento do diálogo, a despeito do fato destas serem instrumentos de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Assis. Professor titular da Universidade Paulista (Unip), e-mail: [luismarques.sp@gmail.com](mailto:luismarques.sp@gmail.com)

---

comunicação entre cujas especificidades encontram-se a interatividade. Isso é um grande paradoxo, para dizer o mínimo.

Tendo em vista esse quadro, nos últimos anos, o discurso e a reflexão a respeito do método do diálogo tem se intensificado tanto no âmbito interno da comunidade dos Focolares no Brasil (e no mundo) como na sua relação com um público externo, sobretudo por meio das suas redes sociais e de seus meios de comunicação tradicionais, como a revista *Cidade Nova* e livros publicados pela editora homônima, bem como em suas edições em outros países.

Enquanto expressão eclesial, o Movimento dos Focolares preconiza o ideal de uma comunicação dialógica, tradicionalmente defendida pela Igreja Católica em muitos dos seus documentos. “A primeira expectativa dos ‘receptores’, que merece ser destacada e valorizada, é a aspiração ao diálogo”, afirmou, a propósito, o papa João Paulo II (in: DARIVA, 2003), em 1978, na sua primeira carta como pontífice para o Dia Mundial da Comunicação Social, criado e celebrado pela Igreja Católica.

Neste artigo, nos dedicamos a compreender o conceito de diálogo difundido por esse carisma eclesial, bem como sobre ideias fundamentais a respeito de sua aplicação nas relações humanas, sejam presenciais ou virtuais. Nosso *corpus* consiste numa pequena – mas representativa – parcela de textos cujos autores (escritores e articulistas de diferentes áreas de atividade humana) são membros do Movimento dos Focolares (com destaque para Chiara Lubich, Antonio Maria Baggio, Luigino Bruni, Klaus Brüscke, Michele Zanzucchi, Roberto Catalano e Vera Araújo). Seus trabalhos refletem o pensamento do carisma dessa organização a respeito do diálogo como conceito fundamental para uma comunicação interpessoal harmoniosa e saudável.

Antes, porém, de nos determos na discussão fundamental que justifica este trabalho, é preciso apresentamos o que é o Movimento dos Focolares.

### **O Movimento dos Focolares e o carisma da Unidade**

Com 75 anos de história, o Movimento dos Focolares – oficialmente reconhecido pela Igreja Católica Apostólica Romana como o título de Obra de Maria – é um movimento eclesial de espiritualidade, predominantemente leigo, está presente em 182 países e conta com mais de dois milhões de internos, aderentes e simpatizantes, dos quais 140 mil são seus animadores, estão divididos em 22 setores e distribuídos em 36

regiões ao redor do mundo. São mais de 50 mil os fiéis de 350 Igrejas Comunidades Eclesiais cristãs e mais de 30 mil os fiéis de várias religiões (judeus, muçulmanos, budistas, hinduístas, taoístas e outros), além de serem cerca de 100 mil os amigos de convicções não religiosas, conforme informa o site oficial dos Focolares (acesso 02jun2018). Ainda segundo cálculos do Movimento, a irradiação de sua espiritualidade já chega a milhões de pessoas em todo o mundo.

A unidade é a palavra que sintetiza o carisma do Movimento dos Focolares e está fundamentada no chamado testamento de Jesus, proclamado pelo Cristo na sua oração sacerdotal, pouco antes de sua crucificação: “Pai, que todos sejam um para que o mundo creia” (Jo 17,21). Nesse sentido, o Movimento se empenha no trabalho de construção do “mundo unido”, no qual todos os seres humanos são irmãos, porque filhos do mesmo Pai. De fato,

O Movimento dos Focolares, nascido de leigos, restituiu aos leigos o seu peso e a importância, ainda na época em que as estruturas eclesiais reservavam aos fiéis – jovens, casados, pais e mães de família – apenas um lugar nos bancos da missa dominical. Procurou colocar em sua mira o revigoramento da unidade entre os católicos, a busca da unidade entre os cristãos, a construção de uma rede de diálogos com fiéis de outras religiões e com o mundo ateu, tudo isso muito antes que a ânsia ecumênica viesse à tona no Concílio Vaticano II. (ZAMBONI, 1991, p. 7)

Nascido durante a Segunda Guerra Mundial na cidade de Trento, no norte da Itália, o Movimento dos Focolares surgiu a partir da experiência pessoal e evangélica de Chiara Lubich e suas primeiras companheiras. É Chiara mesma quem sintetiza o significado do carisma que nasceu a partir de sua experiência e das primeiras e primeiros focolarinos:

A unidade é um ponto-chave fundamental em nossa espiritualidade, porque exprime também sozinha o que o Espírito quer de nós. A unidade exige “algo mais”, porque pressupõe ao menos dois em comunhão. A unidade é uma graça que Jesus pediu ao Pai: “Pai, que sejam um como eu e tu. Eu neles e tu em mim, para que sejam um” (cf. Jo, 17,21-23). E, se é uma graça, não podemos buscá-los com os nossos esforços. Devemos apenas nos dispor a poder recebê-la, amando-nos mutuamente como Jesus nos amou. (LUBICH *apud* TORINO, Armando, 2011, p. 153)

**Diálogo como método: exigências**

Para um carisma cujo objetivo central é a construção da unidade entre as pessoas, grupos, comunidades e mesmo países, o diálogo torna-se um instrumento indispensável. Mais do que técnicas, segundo o carisma dos Focolares, este exige pressupostos, isto é, condições que o favoreçam. Na raiz dessas condições está a própria compreensão do conceito de diálogo que não é o fim em si mesmo, mas uma ferramenta para algo bem mais amplo e profundo: as relações fraternas e de unidade.

Nesse sentido, é importante ao menos uma consideração fundamental sobre o conceito de fraternidade, também conforme a espiritualidade focolarina. Segundo o filósofo italiano Antonio Maria Baggio (2008, p. 54), “a fraternidade é uma condição humana, ao mesmo tempo dada – e, por isso, constitui um ponto de partida – mas também a ser conquistada, com o compromisso de colaboração de todos”. Enquanto condição humana, a fraternidade corresponde à natureza humana que exige estar aberto à relação com o seu semelhante, a despeito das diferenças que tenham entre si. A própria realização e felicidade humana revelam-se condicionadas a uma interdependência pessoal.

Como etapa natural do processo de construção de fraternidade e, ao mesmo tempo, condição fundamental para o diálogo, dois outros conceitos são essenciais: a gratuidade e a reciprocidade. A propósito do primeiro conceito, afirma o economista italiano Luigino Bruni (2010, p. 90):

Gratuidade é, talvez, a palavra que melhor exprime a natureza ambivalente dos relacionamentos interpessoais: nada tem mais valor o que um acto (sic) de gratuidade (dado ou recebido), e nada causa maior sofrimento do que a gratuidade traída, até porque, com a gratuidade, não se fazem cálculos, dado que não temos valores equivalentes em dinheiro.

Ao mesmo tempo, a vida em comum seria impensável sem comportamentos inspirados pela gratuidade, porque, sem gratuidade, não há encontro plenamente humano.

Sendo, portanto, exigência e consequência dos relacionamentos fraternos e condição essencial para o diálogo, a reciprocidade é um conceito amplamente inspirado pelo carisma dos Focolares, especialmente no pensamento de Chiara Lubich para quem o “amor recíproco” é fator vital para a construção da unidade. A esse respeito, outro autor e membro do Movimento, o jornalista italiano Michele Zanzucchi, diz, referindo-

se a uma comunicação fundamentada na perspectiva cristã nascida do carisma focolarino (2012, p. 128):

Non a caso il cristianesimo ha da sempre associato l'aggettivo "reciproco" al nome comune "amore", per indicar la riproduzione in terra dell'amore celeste. Ma in tutte le grandi religioni la "regola d'oro", in positivo o in negativo, indica proprio la reciprocità come regola dell'umana convivenza, elemento di unità oltre le diverse credenze e le sensibilità lontane le une dalle altre<sup>3</sup>.

Considerando, desse modo, os aspectos de reciprocidade e gratuidade, intrínsecos à fraternidade, fica evidente relacionar essa categoria ao conceito de diálogo. De fato, não há diálogo sem reciprocidade e sem gratuidade, uma vez que, numa relação dialógica, os interlocutores precisam considerar "o outro" e sua resposta para que o diálogo exista, assim como é fundamental que a acolhia e compreensão das exigências, dos valores e visão de mundo do outro seja profunda e que, para tanto, qualquer espécie de barreira (suspeitas, medos, mecanismos de defesa ou agressividade) seja superada. Portanto, apenas sob a orientação de reciprocidade e da gratuidade, o diálogo é realizável autêntica e concretamente.

O diálogo implica ainda o esforço do silêncio. "El diálogo, de hecho, presupone una escucha auténtica, e la escucha un auténtico silencio", argumenta Cicchese (2011, p. 52). Para esse autor,

el silencio es la condición indispensable de la escucha: un silencio que no es solamente superficial, exterior, sino sobre todo interior, espiritual. El silencio auténtico implica atención, expropiación de "lo que es solamente mío", desposesión de sí mismo, del propio yo, ausencia del ego, para ponernos finalmente en la relación justa con la realidad, con el mundo y con los otros<sup>4</sup>.

O ouvir o outro é, de fato, uma das primeiras ações que favorecem o diálogo. Roberto Catalano, também focolarino italiano e doutor em missiologia, em artigo

<sup>3</sup> "Não por acaso o cristianismo há de ser sempre associado ao adjetivo 'recíproco' ao substantivo comum "amor", para indicar a reprodução na terra do amor celeste. Mas em todas as grandes religiões a 'regra de ouro' no positivo ou no negativo [Faça ao outro o que você deseja que ele faça a você' ou Não faça ao outro o que você não deseja que ele faça a você'], indica mesmo a reciprocidade como regra de uma humana convivência, elemento de unidade a outras diferentes crenças e a sensibilidades distantes umas das outras". (Tradução livre)

<sup>4</sup> "o silêncio é a condição indispensável da escuta: um silêncio que não é somente superficial, exterior, mas sim, sobretudo, interior, espiritual. O silêncio autêntico implica atenção, expropriação de "o que é somente meu", despossessão de si mesmo, do próprio eu, ausência do ego, para colocarmos finalmente a relação justa com a realidade, com o mundo e com os outros". (Tradução livre)

intitulado “Apóstolos do diálogo, apóstolos da unidade”, publicado pela revista *Cidade Nova* (janeiro de 2018, p. 38), compara três aspectos da metodologia do diálogo presentes no discurso do papa Francisco com o pensamento de Chiara Lubich a respeito do que ela chamou de a “Arte de Amar”, uma fórmula que prevê uma série de medidas da parte que deseja construir a unidade<sup>5</sup>. Sobre o ouvir, sintetiza Catalano: “para ouvir verdadeiramente, é preciso ter uma consciência humilde, que o papa Francisco define com uma categoria que lembra o ‘fazer-se um’ [um profundo silêncio interior para acolher o semelhante plenamente]”.

O segundo aspecto é o que o papa Francisco chamou de “pensamento incompleto”, que é o mesmo que ser uma pessoa com pensamento aberto, o que segundo Catalano, implica considerar que a despeito dos membros do Movimento dos Focolares terem recebido um grande carisma, estes continuam sendo criaturas com limitações, incompletas. “Precisamos do outro e dos outros. Podemos aprender com todos”, afirma o autor. Finalmente, Roberto Catalano cita o ato de acolher o outro como terceiro elemento fundamental do pensamento do papa Francisco para o sucesso do diálogo. Mais que isso – assinala o papa – não é possível dialogar de está fechado ao outro. Mais que abertura, o pontífice aponta para a receptividade.

“E se meu interlocutor não quiser dialogar?, questiona o articulista da revista *Cidade Nova*, Klaus Brüscke. De fato, conforme já afirmado, a gratuidade no diálogo é condição para que este aconteça, assim como para a própria fraternidade, razão pela qual o questionamento revela-se bastante pertinente. Não existe a obrigatoriedade para o diálogo, por mais “politicamente incorreto” que isso possa parecer. Em outras palavras: não se pode exigir o diálogo, mas, talvez, seja possível conquistar esse direito mediante a “conquista do outro”. Novamente, o conceito de gratuidade e amor cristão (o *ágape*) é a referência para essa questão. Diz Brüscke (2018, p, 9):

Há um pressuposto para o diálogo: o amor. O amor vem antes do diálogo e o torna possível. Entendemos o amor como é ensinado nos Evangelhos, o que possui algumas características: é universal e inclusivo, reconhece e respeita a dignidade do outro assim como reconhece e respeita a própria; é proativo; leva à empatia, aliás, a viver o outro; é tolerante e capaz de perdoar. Chiara Lubich, uma mestra na “arte de amar”, explica que, quando amamos uma pessoa assim, de modo autêntico e desinteressado, essa pessoa, sentido-se

---

<sup>5</sup> São seis os passos da fórmula da “Arte de Amar”, conforme proposta de Chiara Lubich: amar a todos, amar primeiro, amar como a si mesmo, fazer-se um, amar Jesus em cada um e o amor mútuo (LUBICH, 2017).

---

amada, poderá, por sua vez, amar também. O amor torna-se, então, mútuo.

Dada o agravamento da crise em muitas relações humanas em função da polarização política no Brasil, a revista *Cidade Nova* passou a intensificar, desde o final de 2016, seu discurso em favor de práticas do diálogo, de modo a incentivar seu leitor a se engajar nessa postura que corresponde às aspirações do carisma da Unidade. Autor deste estudo, o jornalista e redator-chefe de *Cidade Nova*, Luís Henrique Marques (2016, p. 5), na seção Ponto de Vista (que corresponde ao editorial da revista), sob o título de “Coragem e diálogo político”, elenca o que ele considera ideias concretas para uma prática do diálogo saudável no que diz respeito a temas políticos. É o que reproduzimos a seguir:

1- *O bem do outro*: no diálogo, mais do que nossas ideias e posições, o que importa é o bem do outro. Nesse sentido, se queremos salvar os relacionamentos, devemos sempre nos perguntar se nosso argumento, ideia, crítica ou mesmo denúncia é capaz de construir ou não a fraternidade.

2- *Crítica a fatos e atitudes*: também quando a crítica deve ser dirigida a alguém, esta deveria se concentrar nos fatos, nas atitudes. Partir de julgamentos morais ou condenações de alguém é por em risco o sucesso do diálogo. Se uma pessoa já é culpada por ser de um jeito, por ser daquele partido, por ser assim ou assado, ou as partes nunca chegarão a um consenso ou seguirão condenando-se mutuamente. Nos dois casos, o diálogo já está condenado.

3- *Compreender o outro*: às vezes, antes de nos posicionarmos a respeito do que o outro diz, mais vale a pena perguntar, nos certificarmos de que entendemos, interpretamos bem seus argumentos. Não há futuro no diálogo quando as pessoas não compreendem claramente os argumentos uns dos outros.

4- *Boas fontes para bons argumentos*: ao argumentar, é preciso tomar certos cuidados como, por exemplo, certificar-se das fontes de suas informações; se não está sendo generalista; se não parte de conceitos preconceituosos ou discutíveis e assim por diante. Um recurso sempre útil à argumentação é retomar o contexto histórico e argumentos de especialistas a propósito dos fatos políticos e administrativos. Mesmo, neste caso, é preciso levar em conta que não existem ciência e jornalismo isentos.

5- *O perigo de generalizar*: especificamente sobre ser generalista, é preciso considerar que, normalmente, assumimos como mais adequada uma perspectiva sobre o assunto. Mas é preciso considerar que existem outras perspectivas, que existem outros fatos que podem ser levados em conta sobre aquele tema. Naturalmente, alguns argumentos podem pesar mais do que outros; algumas ideias podem ser mais pertinentes do que outras, conforme o assunto ou a situação.

6- *Discussão de fatos*: a mídia quase sempre está comprometida com posicionamentos político-ideológicos e mercadológicos. A discussão

---

de fatos – mais do que de declarações – pode ser uma pista para um diálogo adequado. Além disso, pode ser mais produtivo tratar de políticas públicas do que limitar-se a partidarismos políticos cujo único objetivo é o poder pelo poder.

Além disso, a partir de 2018, as edições da revista *Cidade Nova* passaram a publicar uma seção especial, intitulada Top Sete, que, em função do pleito eleitoral, passou a ser dedicada a orientações de caráter político (não partidário) com fins de estimular o correto engajamento do cidadão nas questões político-administrativas. Especificamente na edição de janeiro (p. 28), na primeira série de dicas sobre política, *Cidade Nova* apresentou as seguintes sugestões (todas seguidas de um breve comentário) ao leitor da revista: 1- Não tente mudar a opinião das pessoas; 2- Esteja sinceramente aberto a rever as suas posições; 3- Pare de pensar em termos de bem contra o mal; 4- Certifique-se que seu interlocutor está interessado no que você tem a dizer; 5- Use sempre uma linguagem não agressiva; 6- Lembre-se: pensar diferente é condição necessária para a fraternidade. Essas considerações – assim como aquelas feitas por Marques na seção Ponto de Vista – embora focadas na discussão políticas, são claramente aplicáveis a qualquer tipo de diálogo, isto é, seja qual for o assunto que o motiva.

Ainda nesta mesma edição de janeiro de 2018 da revista *Cidade Nova*, na matéria assinada pelo jornalista Daniel Fassa e intitulada “Por uma política dialógica”, a publicação apresenta experiências concretas de organizações da sociedade civil e negócios sociais que, no Brasil, que se empenham em promover a formação para a cidadania e participação política consciente “baseada na troca respeitosa de ideias e conhecimentos sólidos”. Uma dessas organizações pertence ao Movimento dos Focolares, a Escola Civitas – Associação Cultural e de Cidadania, organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) que atua há mais de 10 anos na formação de jovens para o exercício crítico da própria cidadania. Sobre a experiência da Civitas, afirma a matéria (FASSA, 2018, p. 31):

Sua finalidade é proporcionar um exercício contínuo de escuta recíproca e diálogo fraterno, bem como estimular, entre diferentes tradições culturais, geracionais e partidárias, a identificação de objetivos partilhados pelo que une os seus integrantes e superando dilemas que ainda possam dividi-los.



---

Há inúmeras referências dentro da produção literária de membros do Movimento dos Focolares em que o diálogo, visto como método para a construção das relações fraternas e de unidade, poderiam ser citadas aqui. Como não é possível tratar de todas e nossa intenção é apenas apresentar os principais traços de um quadro amplo de ideias e experiência, cuja tessitura demonstra certa unidade de pensamento, limitamo-nos apenas a apresentar apenas mais uma referência. Ele diz respeito a um trecho o discurso da aula de abertura dos trabalhos da Escola de Cidadania Ginetta Calliaeri, curso presencial/online lançado em 2016 pelo Movimento dos Focolares no Brasil, tendo em vista a uma formação para o exercício coerente e consciente da cidadania. As cinco primeiras aulas que compõem o primeiro bloco desse curso foram destinadas ao tema “A arte do diálogo”. Todas as gravações dessas aulas encontram-se publicadas no site oficial do Movimento dos Focolares no Brasil cujo endereço é o <http://www.focolares.org.br/escoladecidadania/>.

O discurso foi proferido pela socióloga brasileira Vera Araújo que, entre outros argumentos, justifica o diálogo como método de trabalho desse curso. Diz Araújo (2016, p. 1) que o diálogo como método requer:

- O reconhecimento e a aceitação plena e respeitosa da pluralidade de ideias, de opiniões, de opções;
- O desejo e o empenho de considerar as diversidades não como momento de contrastes, mas como ocasiões de enriquecimento recíproco;
- A busca da verdade aqui e hoje é sempre possível de ser alcançada porque a Verdade é o Absoluto – Deus (que sempre alcançamos, aos poucos, e nunca totalmente); a busca da verdade é um caminho a ser percorrido com todos;
- A vontade sincera de obter o bem comum da sociedade, os interesses coletivos, o bem estar dos cidadãos, a igualdade entre todos nos direitos e deveres, fruto do sentimento e da convicção da fraternidade que nos une como família humana e filhas e filhas de Deus.

A prática do diálogo é, pois, para os membros dos Focolares, um recurso metodológico cuja aplicação tem como fim último, qual seja, a concretização do seu carisma no mundo. Para a fundadora Chiara Lubich, mais que um discurso, ao longo da sua história, isso se constituiu uma verdade experimentada a partir da vivência cotidiana por aqueles que aderem a essa espiritualidade que é tipicamente coletiva. Em trabalho anterior, Marques (2013) descreve e analisa o que Lubich intitulou instrumentos da

---

espiritualidade coletiva: o pacto de amor mútuo, a comunhão de almas, a comunhão de experiências da Palavra, a hora da verdade e o colóquio. Neste breve estudo, o autor se detém na chamada “comunhão das experiências da Palavra”, cuja prática é – para os membros dessa comunidade – sinal visível da realização concreta do carisma. A esse respeito, afirma Aroldo Braga:

A vivência da Palavra é completada com a partilha de como foi posta em prática e os frutos que produziu, especialmente na alma. Essa comunhão se dá em pequenos grupos e comunidades; às vezes também em grandes reuniões. “Contar a experiência” é uma expressão típica no Movimento, que significa essa partilha e comunhão, onde se revela o mistério desse pulsar constante de vida que se encontra nos Focolares. (BRAGA, 2009, p. 146)

Apenas para ilustrar essa prática de realizar e divulgar experiências de aplicação das palavras do Evangelho, reproduzimos a seguir um relato entre os muitos que constam no livro *Chamados a ser comunidade: guia para uma espiritualidade de comunhão* (CHRISTY et ali., 2018, p. 33) que acaba de ser lançado pela editora Cidade Nova. Essa obra – a exemplo de outras publicadas pela editora pertencente ao Movimento dos Focolares – traz uma série de breves relatos de experiências inspiradas nos aspectos da espiritualidade da Unidade. A experiência intitulada “Zelar pelo bem do outro” está publicada no capítulo “O amor ao irmão” e sua protagonista é Glaucya Liro, professora natural de Barreiros, no interior do Estado de Pernambuco. Como é possível observar, um dos gestos concretos da experiência é o diálogo. Diz o relato:

Percebi que um aluno estava chegando sujo, triste e começava se enturmar com os que criavam confusão. Perguntei o que estava acontecendo. Ele me contou que estava se sentindo sozinho (sua mãe passava muito tempo fora, no trabalho) e ele ficava muito tempo na rua. Pedi a Jesus que me ajudasse a entrar com respeito na situação, e, por meio da avó, obtive mais informações sobre a situação do aluno. A mãe estava trabalhando em outra cidade e só voltava para casa tarde da noite. Uma tia garantia a comida dele, e ele vinha para a escola sozinho. Chamei a mãe para uma conversa e, para a minha surpresa, o pai também veio. Eles são separados e quase não se falam. Conversei com os dois, ressaltéi o quanto acredito no potencial do garoto e expressei minha preocupação pelo risco em que ele se encontrava. Assegurei que entendia a necessidade de trabalhar, mas que precisavam encontrar um jeito de cuidar do filho. Expliquei que eu não tinha chamado o Conselho Tutelar, porque não queria vê-lo em um abrigo e tinha certeza de que eles encontrariam uma solução.

---

Os dois prometeram que o fariam e, no dia seguinte, o aluno chegou limpo, sorridente e me deu um abraço apertado de agradecimento. Até o fim do ano, os pais se ajudaram para cuidar dele. O aluno voltou a ser participativo e atento às aulas.

Com efeito, para Lubich, toda a espiritualidade da Unidade nasceu e se perpetua pela realização de experiências concretas e sua partilha para, então, se transformar em literatura e objeto de estudo de diferentes ciências como a teologia, a filosofia, a economia, a sociologia, a antropologia e outras, como atestam os muitos títulos Honoris Causa em diferentes áreas do conhecimento e atividade humana que Chiara Lubich recebeu, ainda em vida, ofertados por instituições universitárias ao redor do mundo.

Isso corrobora o pressuposto segundo o qual a experiência concreta, pessoal ou coletiva, de membros do Movimento dos Focolares é o que alimenta os cinco grandes propósitos – chamados Diálogos – assumidos pela Obra de Maria como pilares da aplicação do seu carisma: o Primeiro Diálogo (entre os católicos); o Segundo Diálogo (chamado ecumênico, com os cristãos de outras denominações); o Terceiro Diálogo (chamado inter-religioso, com fiéis das religiões não cristãs); o Quarto Diálogo (com pessoas de culturas sem um referencial religioso) e o Quinto Diálogo (com a Cultura no seu sentido mais amplo).

A atual presidente do Movimento dos Focolares, a advogada italiana Maria Voce, vai ainda mais longe: pela experiência focolarina, o diálogo se tornou um “estilo de vida”, conforme afirmou em sua conferência realizada em maio de 2017 para a Comissão Ecumênica Diocesana de Malta (FOCOLARES, 2018b):

A base do diálogo é Deus, Deus que é amor e pai de todos nós e que nos torna todos filhos no Filho, todos irmãos, todos uma família. Desde o início Chiara fez da oração de Jesus “Que todos sejam um” – que pode ser traduzida em “fazer de toda a humanidade uma única família” – o lema de sua vida e convidou milhões de pessoas em todo o mundo, a comprometerem-se a viver para alcançá-la. Para os Focolares, “o diálogo é um estilo de vida, uma nova cultura, que o Movimento pode e quer oferecer aos homens e mulheres de hoje. E que deve ser “suportado e substanciado de misericórdia, de compaixão e de caridade”.

## **Considerações finais**

---

Buscando fundamentar-se na experiência concreta de seus membros, o Movimento dos Focolares tem proclamado, nos meios que dispõe (de encontros presenciais a livros, veículos tradicionais de comunicação e redes sociais) a exigência do diálogo, bem como as condições ideais para realizá-lo, como metodologia essencial para uma comunicação construtiva entre as pessoas, sobretudo em nível interpessoal e via redes sociais. O diálogo é, pois, condição vital para a concretização do próprio carisma da Unidade, razão pela qual nasceu esse movimento eclesial.

A despeito do ser humano ter uma exigência natural para o diálogo, a sua realização não tem se mostrado fácil entre as pessoas. Pelo contrário: se por um lado, parte da humanidade tem acesso aos mais avançados meios de comunicação, em grande parte das vezes e nos diferentes âmbitos das relações humanas, esta parece estar apenas “engatinhando” no que diz respeito à realização de um diálogo maduro e construtivo. Aprendemos a construir e utilizar tecnologias de comunicação, mas – com frequência – demonstramos incapacidade de diálogo, conforme as redes sociais têm revelado sempre mais, sobretudo no que diz respeito a temas polêmicos, especialmente em áreas como moral e política.

Nesse sentido, a começar pela orientação de seus membros e simpatizantes, o Movimento dos Focolares tem oferecido sua contribuição – ainda modesta, reconhecem seus líderes – no sentido de sair desse estágio de imaturidade quando o assunto é diálogo. Para tanto, busca alinhar seu discurso com o da Igreja, especialmente o da papa Francisco. O pontífice, por sua vez, parece confiar no potencial que esse movimento tem a dar aos diferentes diálogos que se dispõe a enfrentar. Em uma visita surpresa a um encontro dos Focolares realizado em Roma, no dia 27 de abril de 2016, papa Francisco afirmou após ouvir alguns dos testemunhos programados para aquele momento:

Ouvindo vocês falarem, me vieram à mente duas imagens: o deserto e a floresta. Eu pensei: estas pessoas, todos vocês, pegam o deserto para transformá-lo em floresta. Vão aonde tem o deserto, aonde não existe esperança, e fazem coisas que fazem com que este deserto se torne floresta. A floresta é cheia de árvores, é cheia de verde, mas desordenada demais... mas assim é a vida! E passar do deserto à floresta é um bonito trabalho que vocês fazem. Vocês transformam desertos em florestas! (FOCOLARES, 2018c)

---

O quanto, de fato, a comunidade do Movimento dos Focolares é capaz de corresponder a essa vocação para o diálogo e avançar para além de uma posição ainda tímida, mesmo no âmbito apenas eclesial, o tempo dirá.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, Vera. Aula inaugural da Escola de Cidadania Ginetta Calliari. Mariápolis Santa Maria/Igarassu-PER, 28jan2016. (mimeogr.)

BAGGIO, A.M. (Org.). **O princípio esquecido** 1. Traduções Durval Cordas, Iolanda Gaspar, José Maria de Almeida. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2008.

BRAGA, Aroldo de Oliveira. **Cais número 10**: histórias dos 50 anos dos Focolares no Brasil. São Paulo: Cidade Nova, 2009.

BRUNI, Luigino. **A ferida do outro**: economia e relações humanas. Lisboa: Cidade Nova, 2010.

BRÜSCHKE, Klaus. E se meu interlocutor não quiser dialogar? *Cidade Nova*, Vargem Grande Paulista, abr.2018, p. 9.

CATALANO, Roberto. Apóstolos do diálogo, apóstolos da unidade. *Cidade Nova*, Vargem Grande Paulista, jan.2018, p. 38-39.

CICCHESE, Gennaro. Antropología del diálogo: hacia el “entre” de la interculturalidad. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011.

CIDADE NOVA. Dicas para dialogar sobre política. *Cidade Nova*, Vargem Grande Paulista, jan.2018, p. 28-29.

CHRISTY, Emile et ali. (Org.). **Chamados a ser comunidade**: guia para uma espiritualidade de comunhão. Cidade Nova: São Paulo, 2018.

DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação social na Igreja**: documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

FASSA, Daniel. Por uma cultura dialógica. *Cidade Nova*, Vargem Grande Paulista, jan.2018, p. 30-31.

FOCOLARES, Movimento dos. Site oficial. Disponível em <<http://www.focolares.org.br/>>. Acesso 02jun2018a.

FOCOLARES, Movimento dos. Maria Voce: diálogo, um estilo de vida. Disponível em

---

<<http://www.focolare.org/pt/news/2017/08/26/maria-voce-dialogo-um-estilo-de-vida1/>> Acesso 03jun2018b.

FOCOLARES, Movimento dos. As palavras do papa Francisco na “Aldeia peça Terra”. Disponível em <<http://www.focolare.org/pt/news/2016/04/27/le-parole-di-papa-francesco-al-villaggio-per-la-terra/>> Acesso 03jun2018c.

LUBICH, Chiara. **A arte de amar**. Cidade Nova: Vargem Grande Paulista, 2017.

MARQUES, Luís Henrique. Movimento dos Focolares e os relatos de experiência de vida: para além dos instrumentos de marketing religioso. São Paulo: Ecclesicom, 2013 (comunicação).

MARQUES, Luís Henrique. Coragem e diálogo político. *Cidade Nova*, Vargem Grande Paulista, out.2016, p. 5. (Ponto de Vista)

TORINO, Armando. **Levar a Ti o mundo em meus braços**: vida de Chiara Lubich. Tradução Durval Cordas. São Paulo: Cidade Nova, 2011.

ZAMBONI, Dori (Org.) **O Evangelho não falha!** São Paulo: Cidade Nova, 2004.

ZANZUCCHI, Michele. **Il silenzio e la parola**: la luce; ascolto, comunicacionze e mass media. Roma: Città Nuova, 2012. (Universitas)